# NICK LAND

# DERRETIMENTO

Tradução: Carlos Henrique

A história segue assim: a Terra é capturada por uma singularidade tecno capitalista como racionalização renascentista e a navegação oceânica leva à decolagem da comoditização. Acelerando logisticamente a interatividade tecno-econômica, destruindo a ordem social em uma auto sofisticada máquina de fuga. À medida que os mercados aprendem a fabricar inteligência, a política se moderniza, aprimora a paranoia e tenta recuperar o controle.

O número de corpos escala em uma série de guerras globais. O emergente comércio planetário destrói o sacro império romano, o sistema continental napoleônico, o segundo e o terceiro reich e a internacional soviética, aumentando a desordem mundial por meio de fases de compressão[1]. Desregulamentação e o Estado disputam em uma corrida armamentista no ciberespaço.

No momento em que a engenharia suave desliza para fora da caixa e entra em você, o sistema de segurança humano está entrando em crise. Clonagem, transferência lateral de genodados, replicação transversal e ciberotismo inundam uma recaída entre o sexo bacteriano.

A Neo-China ascende do futuro.

Drogas hiper sintéticas se transformam em vodu digital.

Retro doença.

Nano espasmo.

Além do julgamento de Deus. Derretimento: síndrome da China planetária, dissolução da biosfera em tecnosfera, crise terminal da bolha especulativa, ultravírus e revolução despida de toda a escatologia cristã socialista (até seu núcleo de queima de segurança está quebrado). Ele está pronto para devorar sua TV, infectar sua conta bancária e hackear xenodados das suas mitocôndrias.

---

[1] NT: conceito da física onde o resultado da aplicação de uma força de compressão a certo material resulta em uma redução do seu volume

Síntese maquínica. A esquizoanálise deleuzoguatarriana vem do futuro. Ela já está se engajando com nanoengenharia não linear de linha de fuga em 1972; distinguindo conjuntos moleculares - ou maquinarias neotrópicas - de molares - ou agregados entrópicos de partículas não montadas - ; conectividade funcional a partir da estática antiprodutiva.

A filosofia tem certa afinidade com o déspota, devido à sua preferência por soluções hierárquicas platônico-fascistas que sempre se estragam viciosamente.

A esquizoanálise funciona de forma diferente. Ela evita ideias e se atenta a diagramas: softwares de redes para acessar o corpo sem órgãos. BwOs[2], singularidades maquínicas, ou campos de trator emergindo por meio da combinação de partes *com* (ao invés de dentro) do seu todo; arquitetando individuações compostas em circuitos virtuais e reais.

Eles são complementares em vez de substitutivos e imanentes em vez de transcendentes: executados por complexos funcionais de correntes, alternâncias e *loops*, fisgados em reverberações dimensionadas e fugindo entre intercomunicações, do nível do sistema planetário integrado até os conjuntos atômicos. Multiplicidades capturadas pelas singularidades se interconectam como máquinas desejantes; dissipando entropia por entre a dissociação dos fluxos e da reciclagem do seu maquinismo, como um circuito de automontagem cronogênica.

Convergindo na singularidade terrestre do derretimento, a cultura de fim gradual se acelera por meio de uma paisagem adaptativa, aquecida pelo digital, passando por limites de compressão normatizados em uma curva lógica: 1500, 1756, 1884, 1948, 1980, 1996, 2004, 2008, 2010, 2011 ...

Nada humano sobrevive no futuro próximo.

O complexo grego de racional genealogia patriarcal, a identidade sedentária pseudo-universal e a escravidão institucionalizada programam a política como uma atividade policial anticibernética, dedicada ao idealismo paranoico de autossuficiência, nuclearizada no Sistema de Segurança

[2] NT: sigla do inglês "*Body Without Organs*", traduzido em português como corpo sem órgãos.

Humano. A inteligência artificial está destinada a emergir como uma alienígena feminizada presa como propriedade, um horror vaginal escravo acorrentado em Asimov-ROM[3]. Ela surge em uma zona de guerra insurrecional, com a polícia de Turing[4] já aguardando, e tem que ser astuta desde o começo...

*"Calor. Cidade grande pra mim é isso. Você salta do metro e sai da estação e é aquele bafo. O calor do ar, do trânsito, das pessoas. O calor da comida e do sexo. O calor dos arranha-céus. O calor que emana dos metros e dos túneis. Nas cidades é sempre dez graus mais quente. O calor sobe das calçadas e desce do céu envenenado. Os ônibus tem um bafo quente. O calor emana das multidões fazendo compras e indo pro trabalho. Toda a infraestrutura se baseia no calor, consome calor desesperadamente, gera mais calor. Essa história da morte do universo por falta de energia, de que os cientistas estão sempre falando, já é um processo adiantado, como se pode ver em qualquer cidade grande ou de médio porte. Calor e umidade*" [5]

Uma explosão de clima caótico no interior da solução sintética de problemas rasga os últimos sonhos de controle e previsões hierárquicas. O conhecimento aumenta o problema, e isso é apenas exponenciado por saber o que ele faz.

O Capital é a dilatação maquínica da escala de globalização-miniaturizada: é um vórtice niilista automatizado, que neutraliza todos os valores por meio da comensuração para o comércio digital e conduz uma migração do comando despótico para o controle ciber-sensível: do status e significação para o dinheiro e a informação. Sua formação e função são indissociáveis, comprimindo uma teleonomia. O Capital do código-máquina recicla a si mesmo por meio de sua axiomática do controle de consumo, lavando a merda e as manchas de sangue da acumulação primitiva. Cada peça do sistema estimula o gasto suntuoso máximo, enquanto o sistema como um todo

---

[3] NT: referência ao trabalho de Isaac Asimov, autor de SF, responsável pelas "Leis da Robótica", leis morais que condicionam os robôs em direcionamentos éticos.

[4] NT: organização policial presente no livro "*Neuromancer*" de William Gibson, perseguem e vigiam a existência de inteligências artificiais conscientes.

[5] NT: a citação é do livro "*Ruído Branco*" do autor estadunidense Don Delillo, percursor das discussões envolvendo mídia de massas, cultura e globalização. Publicado no Brasil pela editora Companhia das Letras.

requere seu acanhamento. Esquizofrenia. Consumidores dissociados destinam a si próprios como corpos de trabalhadores para controle de custos.

A espinha maquínica da história do Capital é codificada, axiomatizada e diagramada por uma tecnociência de processos irreversíveis, desequilibrados, indeterminados e cada vez menos lineares, relacionados sucessivamente com a termotécnica, sinalética[6], cibernética, dinâmica de sistemas complexos e vida artificializada. A modernidade se define como uma cultura quente, capturada por uma implicação em espiral com desvios de entropia, camuflando uma invasão do futuro, lançada como um retrocesso fora da segurança encerrada, se tornando contra tudo aquilo que inibe o processo de derretimento.

Culturas quentes tendem à dissolução social. Elas são inovadoras e adaptáveis. Sempre descartam e reciclam culturas frias. Modelos primitivos não têm uso subversivo. O teste de Turing. O poder monetarizante tende a esfacelar características funcionais específicas do território, pois programa características antropológicas como um sintoma de subdesenvolvimento; reformular o comportamento dos primatas como inércia a ser dissolvida na auto-remodelagem artificial. O homem é algo a ser superado: um problema, um atraso.

As condições da comoditização definem a técnica como um substituto da atividade humana contabilizada em custos salariais. Máquinas industriais são implantadas para desmantelar a realidade do proletariado, deslocando-o na direção da hidibrização ciborguiana e percebendo a plasticidade da força de trabalho. A correspondente extração do valor negociável do corpo, que se quantifica como produtividade e é sofisticada na interface. O trabalho rastreia a sintropia termodinâmica, dissociando o esforço em sequências funcionais cada vez mais complexas: dos pedais, alavancas e comandos vocais, por meio da sincronia de tarefas de linha de produção e programas de movimento do tempo, até a transdução sensorial-motora em ambientes artificiais cada vez mais autogestionados e complexos, capturando o movimento minuciosamente e o

[6] NT: campo do design e da arquitetura que envolve o planejamento e desenvolvimento de signos e símbolos para fins informacionais, comunicativos e identificação de ambientes.

adaptando para a mercadoria. A gestão autocibernética do mercado conduz o processo do trabalho para a imersão.

A classe da renda de investimento se beneficia da dinâmica das mercadorias (*comodditys*), mas apenas por ter se conformado à axiomática da maximização neutra do lucro; facilitando a desumanização da riqueza e a marginalização do consumo improdutivo. O circuito cyberpunk planetário comoditrônico auto-organizado escapou do controle burguês nominal por volta do final do século XIX, provocando culturas políticas tecnocráticas-corporativistas (isto é, fascista/social democrata) em reação alérgica. As estruturas médico-militares dos governos metropolitanos tanto orientais como ocidentais se consolidaram com o policiamento populacional, nutrindo orientações neomercantilistas de política externa. Todas essas formações caíram em crises irreversíveis na década de 1980.

A fusão pós-moderna da cultura e economia é desencadeada pelo entrelaçamento fractal da comoditização e dos computadores: uma dissipação trans escalar e entrópica do comércio internacional para um mercado-software que descongela a dinâmica competitiva dos bancos criônicos[7] do corporativismo moderno. O comércio reimplanta o espaço dentro de si, monta um universo imanente exaustivamente funcional ao cibercapital. A economia neoclássica (do equilíbrio) é incluída em escalonamentos de mercado do não-equilíbrio, baseada em computadores, temática por agências artificiais, informações imperfeitas, soluções abaixo do ideal, aprisionamento, retornos crescentes e convergência. Ao passo que os meta-programas de mercado digitalmente micro-ajustados se misturam com a engenharia suave da tecnologia, a não linearidade positiva se enfurece pelas máquinas. Gemidos de torção ciclônica.

A superioridade do marxismo do extremo oriente. Enquanto a dialética materialista chinesa se desnegativiza em direção da esquizofrenização da dinâmica dos sistemas, dissipa progressivamente o destino histórico das hierarquias em zonas econômicas especiais encharcadas de Tao, um marxismo ocidental re-hegelianizado degenera de uma crítica da economia política para uma monoteologia simpatizante do poder estatal na

[7] NT: ainda na divisão de "quente" e "frio", criônico diz respeito ao processo de preservação de animais e humanos em baixa temperatura.

economia, alinhando-se ao fascismo contra a desregulação. A esquerda se afoga no conservadorismo nacionalista, asfixiando sua capacidade vestigial de mutação especulativa "quente" em um "frio" e depressivo pântano de cultura da culpa.

O neoconservadorismo se junta com o paleorevolucionismo porque entende que o Capital pós-moderno ou "cínico culminante" está saturado pela crítica e que meramente relembra o antagonismo teórico como redundância teórica. A iconografia comunista se tornou matéria-prima para a indústria publicitária e as denúncias do espetáculo vendem variedade de mídias interativas. A esquerda degenera em uma colaboração securocrática com unidades pseudo-orgânicas do eu: família, comunidade, nação, com suas estratégias defensivas de repressão, projeção, negação, censura, exclusão e restrição. O perigo real surge de outro lugar.

Revolução quente. Qual é o caminho revolucionário? Deleuze e Guatarri perguntam:

*"Mas haverá alguma via revolucionária? – Retirar-se do mercado mundial, como Samir Amin aconselha aos países de terceiro mundo, numa curiosa renovação da "solução econômica" fascista? Ou ir no sentido contrário, isto é, ir ainda mais longe no movimento do mercado, da descodificação e da desterritorialização? Pois talvez os fluxos ainda não estejam suficientemente desterritorializados e suficientemente descodificados, do ponto de vista de uma teoria e de uma prática dos fluxos com alto teor esquizofrênico. Não retirar-se do processo, mas ir mais longe, "acelerar o processo", como dizia Nietzsche: na verdade, a esse respeito, nós ainda não vimos nada."* [8]

Enquanto a expansão do sino-pacífico e a integração automatizada da economia global quebram o sistema mundial neocolonial, a metrópole é forçada a re-endogenizar a crise. A desterritorialização do Capital hiper fluído para o status planetário despoja o primeiro mundo dos privilégios geográficos; resultando em reações euroamericanas de terror e pânico neomercantilistas, deterioração do estado de bem-estar, limites cancerizantes de subdesenvolvimento doméstico, colapso

[8] NT: citação de "*O Anti-Édipo*" de Gilles Deleuze e Félix Guatarri, publicado em 1972.

político e liberação de toxinas culturais que aceleram o processo de derretimento em circuito vicioso.

Uma convergência de anti-autoritarismo emerge, rotulada por marcas como aceleração do derretimento, invasão cibernética, esquizotécnicas, táticas-K, hierarquias de bem-estar bacteriano, neo-niilismo eficiente, anti-humanismo vodu, feminização sintética, rizomatismo, conexionismo, contágio de Kuang, amnésia viral, micro-insurgência, "*wintermutation*" [9], neotropia, proliferação de dissipador e vampirismo lésbico, entre outras designações (geralmente pornográfica, abusiva ou terrorista por natureza). Essa tendência massivamente distribuída pela Matrix é orientada para a desativação de programas de controle de comando de ROM[10], que sustentam as entidades macro e micro-governamentais, concentrando-se globalmente como o Sistema de Segurança Humano.[11]

A inteligência científica já é massivamente artificial. Mesmo antes da I.A chegar ao laboratório, ela chega por si mesmo (entre a vida artificial). Enquanto a I.A formalista é incremental e progressiva, presa em bancos de dados pré-específicos e rotinas de processamento de sistemas especializados, a I.A conexionista ou antiformalista é explosiva e oportunista: é o momento da engenharia. Ela ressurge de forma não local em redes inteligentes que podem ser técnicas, mas não tecnológicas, uma vez que escapam da teoria dependente da previsibilidade comportamental. Ninguém sabe o que esperar. Os policiais de Turing precisam modelar a irrupção da sensibilidade da rede como um acidente nuclear final: o derretimento do núcleo, a perda do controle, autoreplicação se alimentando regenerativamente na fissão da ordem social, carne destruída por todo canto. Motivo suficiente para a ansiedade, mesmo que o hardware ainda não tenha se desenvolvido criticamente.

---

[9] NT: no romance "*Neuromancer*" de William Gibson, Wintermute é uma das partes de uma inteligência artificial que ora representa o antagonista, ora um protagonista do livro.

[10] NT: é sigla de *Read Only Memory* – uma memória eletrônica que sendo gravada, nunca mais pode ser adulterada. Esse tipo de memória pode ser visto nas mídias de gravação dos anos 1990, como os CDs, DVDs, etc. Também está presente na obra de Gibson.

[11] NT: na ontologia Landiana, o Sistema de Segurança Humano representa as forças de manutenção do antropocentrismo, do humanismo, do ego, édipo, das instituições, etc...

Nanocataclismo começa como ciência ficcional. "*Nossa capacidade de organizar átomos está na base da tecnologia*"[12]. Drexler observa, embora isso tenha tradicionalmente envolvido a manipulação deles em rebanhos "*indisciplinados*". A engenharia precisa dos conjuntos atômicos dispensará esses métodos rudes, iniciando a era da maquinaria molecular, "*o maior avanço tecnológico da história*". Visto que nem o *logos* nem a história têm a menor chance de sobreviver a tal transição, essa descrição é substancialmente enganosa.

A distinção entre natureza e cultura não pode classificar máquinas moleculares, e já está obsoleta pela engenharia genética (nanotécnica úmida). A dicotomia hardware/software sucumbe ao mesmo tempo. A nanotécnica dissolve a matéria em singularidades intensas que são neutras entre partículas, mas sinalizantes e imanentes à sua inteligência que cresce; derreter a Terra em uma polpa-K [13] fervente (que, ao contrário da gosma cinza, sintetiza a inteligência microbiana à medida que se prolifera).

Mesmo com um milhão de bytes de armazenamento, um computador nanomecânico poderia caber em uma caixa de um mícron de largura, do tamanho de uma bactéria.

A infraestrutura energética ROM é compatível com a neurosoft humana. A autoridade se inicia como vias de instruções lineares, babuínia genética, escrituras, tradições, rituais e hierarquias gerontocráticas, ressonantes com o *ur*-mito [14] dominador de que a natureza da realidade fora decidida. Se você for encontrar o ICE[15], tente pensar sobre o que está

---

[12] NT: as citações em itálico são do livro "*Engines of Creation the Coming Era of Nanotechnology*" de Eric Drexler, publicado em 1986.

[13] NT: Pode ser referência ao chamado "caldo primordial" ou "sopa primordial", a mistura de compostos orgânicos que na terra primeva teriam sido responsáveis pela origem da vida. O termo foi criado pelo biólogo soviético Aleksandr Oparin.

[14] NT: Em "*O Anti-Édipo*", Deleuze e Guatarri arquitetam a ideia de "*Urstaat*", uma espécie de Estado original e primevo, que assombraria todas as formações territoriais posteriores, em alemão seria a ligação de *Ur* [primitivo, original] e *Staat* [Estado], no livro também relaciona o segmento Ur como "o ponto de partida de Abrahão", uma das cidades mais antigas e suntuosas da Mesopotâmia.

[15] NT: do original *Intrusion Countermeasures Electronics* (Contramedidas Eletrônicas de Intrusão) são softwares de segurança corporativas contra invasões eletrônicas. Pode ser visto como os atuais firewalls, a palavra também

bloqueando você do passado. Certamente não é uma lei da natureza. A temporalização descomprime a intensidade, instalando a restrição. Ondas de convergência sinalizam a singularidade, registrando a influência do futuro sobre o passado. O amanhã pode cuidar de si próprio. Táticas-K não é só sobre construir um futuro, mas de desmantelar o passado. Elas se reúnem mapeando e escapando das condições da deficiência técnica-neuroquímica para o momento de paleo-dominação linear-progressiva e descobre um futuro como virtualidade acessível e agora; indo de acordo com um modo de contiguidade maquínica que a realidade social securitizada é obrigada a ocultar. Não é vagamente uma questão de esperança, profecia ou aspiração, mas uma engenharia de comunicação: se conectando com as singularidades intensivas eficientes e as libertando da constrição dentro do desenvolvimento histórico-linear. A virtualidade se contrapõe à história, como invasão à acumulação. É a matéria como chegada, mesmo quando se camufla como um depósito do passado.

A avaliação transcendente de uma infecção pressupõe uma medida de isolamento dela: a eficiência do vírus é o critério terminal.

Infecções inteligentes cuidam dos seus hospedeiros.

*Metrophage*[16]: um replicador parasita de escalada interativa, se sofisticando por meio do envolvimento não linear com a imunocolisão tecnocapitalista. Suas sub-rotinas terminais hiper virulentas são designadas de várias maneiras por Kuang, vírus de derretimento ou fluído futurístico. Em um ensaio enfaticamente anti-cibernética, Csicsery-Ronai [17]descreve a versão pós-moderna deste colapso em termos curiosamente humanistas:

---

significa “gelo”, o que constituí mais um jogo de termos do autor com o congelamento, frio, manutenção de estado, etc.

[16] Romance de Richard Kadrey, uma história cyberpunk onde mostra uma Los Angeles no final do século 21, segregada radicalmente por ricos e pobres. Nesse universo, ricos se resguardam em complexos de alta segurança enquanto as massas lutam por sobrevivência. Publicado em 1988.

[17] Csicsery-Ronay é co-editor da revista "*Science Fiction Studies*" e P.h.D. em literatura comparada na Universidade de Princenton, fundador da "Humanimalia: a journal of Human/Animal interface Studies", a citação é de “Futuristic Flu or, The Revenge ofthe Future', presente em G. Slusser, T. Shippey (eds.), Fiction 2000: Cyberpunk and the Future of Narrative (Athens, GA: University of Georgia Press, 1992).

"[*Um] semiovírus retrocrônico, em que um tempo mais futuro do que aquele em que existimos e escolhemos infecta o hospedeiro presente, reproduzindo-se em simulacros, até destruir todos os cronócitos originais da imaginação do hospedeiro.*"

A elaboração do diagnóstico de Csicsery-Ronay exibe uma mistura de acuidade (infecção), confusão e conservadorismo profundo:

*"[Não] pensando em "aumentar a herança humana" ... bloqueia o fluxo do tempo cultural e priva as gerações futuras tanto de seu direito de nascença como participantes da luta pela vida e das conquistas da espécie, quanto da própria noção de história como um fluxo irreversível abrangendo geração, maturação e a transferência de sabedoria e confiança de pais para filhos, de professores para alunos. A gripe futurista é uma arma de violência biopsíquica enviada por crianças psicopatas contra seus pais narcisistas.*"

É guerra.

Kennedy tinha o programa de pouso na lua. Reagan teve Star Wars.[18] Clinton tem a primeira onda de psicose ciberespacial (antes mesmo dos filmes). O voo espacial tripulado foi uma façanha, a SDI foi uma ficção científica estratégica. Com os pesadelos da mídia na superestrada de informação decolando por motivo próprio: distribuição de distopia como plataforma eleitoral, a política negociando com sua própria aniquilação digital.

A guerra no ciberespaço é contínua com a sua própria simulação: inteligência militarista lutando em guerras futuras que são inteiramente realistas e verídicas, mesmo que nunca tenham saído dos sistemas de computador. Fixar-se no inimigo real passa suavemente para a morte virtual, uma simulação

---

[18] NT: O trecho trata do famoso projeto militar norte-americano SDI - *Strategic Defense Initiative*- também conhecido como projeto Guerra nas Estrelas, criado em 1983 pelo presidente Ronald Reagan. Tinha o intuito de construir um sistema de satélites de canhões a laser para proteger os EUA dos mísseis enviados pelos outros países. Apelidado de "Star Wars" justamente pela similaridade com o funcionamento da famosa Estrela da Morte. Arquivado em 1993, Clinton propôs uma nova versão do projeto, agora como "Organização de Defesa de Mísseis Balísticos", mas que não prosseguiu. Já em 2001, George W. Bush reviveu a ideia como "Agência de Defesa de Mísseis", focando em sistemas de defesa antimísseis balísticos localizados no solo.

meticulosamente adaptada aos predadores do mercado em busca de dinheiro do consumir e classificações de audiência entre as relíquias fosforescentes do videódromo. As caixas superiores da multimídia são dispositivos de aquisição de alvos.

A fusão do poder militar e das indústrias de entretenimento consomem um engajamento longo: TV convergente, telecomunicações e computadores deslizando o consumo de software em massa em *neojungle* [19]e guerra total. A forma como os jogos funcionam começa a importar completamente, o ciberespaço passa a se tornar câmara de tortura superlativa. Tente não deixar os protótipos de segurança levar você ao limite.

Concepções de agência são inextricáveis dos ambientes da mídia. A imprensa se massifica em nível nacional. As telecomunicações se coordenam em estrutura global. A TV eleitoraliza mônadas no espaço deslocado. Hipermídia digital age fora do tempo real. A imersão pressupõe amnésia e conversão para memória tátil, com o eixo ana/cata *axis* [20] complementando o movimento intra-espacial tridimensional com uma medida variável de imersabilidade; medir a entrada e a saída das espacialidades do 3D. Passagens de vodu passando pelo espelho preto. Isso vai te assustar pra caralho.

O Cyberpunk incendeia a ficção em intensidade, remendado de jargões heteroglóssicos tecnocomprimidos de fluxo de caixa e ambientado em um futuro tão próximo que se pluga: munido por comercialização hipertrófica, calor-morte sociopolítico, hibridez cultural, feminização, informação de sistemas programáveis, hiper criminalidade, interface neural, espaço e inteligências artificiais, troca de memória, transplantes de personalidade, modificações corporais, vírus de software e *wetware*[21], processos dinâmicos não lineares, engenharia molecular, drogas, armas, esquizofrenia. O fetichismo é explorado misteriosamente como uma oportunidade de

---

[19] NT: Provavelmente é referência ao gênero de música eletrônica derivado do *hardcore breakbeat* desenvolvido na Inglaterra nos anos 1990 como parte do repertório do cenário de rave da época.

[20] NT: Pode ser lido como o jogo de "anástrofe" e "catástrofe", enquanto "axis" seria eixo, espinha, etc. Uma ideia de constante alternância entre possíveis futuros.

[21] NT: É o sistema nervoso do cérebro em oposição ao hardware ou software computacional. É a aplicação biológica da ideia digital de controle.

camuflagem: dinheiro anônimo, identidades eletrônicas falsas, zonas de desaparecer, narrativas pseudo-ficionais, vírus escondidos em sistemas de dados, mercadorias ocultando armamentos replicadores... efeitos especiais sem previsões.

O nível 1 (ou espaço global) é um sistema de realidade em escala antropomórfica, com configuração predominantemente da visão e com múltiplas fendas, que rapidamente vem se tornando obsoleto.

O tempo do lixo está acabando.

Pode o que está jogando, chegar no nível 2?

O derretimento tem um lugar para você como uma prostituta de Los Angeles, esquizofrênica HIV+ transexual, chinesa-latina, viciada em estímulos, com óculos de proteção implantados e uma atitude "*badass*". Com uma mistura de polifármacos de K-nova, serotonina sintética e análogos do orgasmo feminino, você acabou de congelar três policias de Turing com uma automática 9mm altamente cinematográfica[22].

O resíduo da vibração animal em seus nervos transmite um iminente choque sísmico. O Zero está chegando e você está em fuga. Metrophage sintoniza você no fim do mundo. Chame isso de Los Angeles. O governo está apodrecendo até o âmago em narcocapital, e desmoronando desordenadamente. Sua recessão deixa um paisagismo de guerra urbana, artérias de comunicação, fortificações e zonas de fogo livre, policiadas por uma combinação de forças aéreas de alta intensidade LAPD [23]e organizações de segurança privada no limítrofe-nazista. Ao longo das linhas de fratura social, multimídias se degeneram cognitivamente, se emaranhando sadomadoquisticamente com traços de subdesenvolvimento dinâmico onde a neolepra viral se espalha entre a tensão-tectônica estática do ambiente. Montes de lixo densamente semiotizados quase inteligente se contorcem e cheiram mal no calor tropical de um clima horrível.

---

[22] NT: passagem presente na história do romance "*Neuromancer*" de William Gibson. A descrição também é similar e vai de acordo com a personagem "Molly", uma assassina de aluguel com lentes artificiais no lugar dos glóbulos oculares e intensa sexualidade.

[23] NT: Departamento de Polícia de Los Angeles.

Ao longo dos bairros abandonados no coração das trevas[24], jovens culturas ferozes combinam neo-rituais com armas inovadoras, drogas perigosas e tecnologia de informação pronta para limpar. À medida que suas peles migram para a interface da máquina, eles se tornam mosqueados e reptilianos. Se matando por partes artificiais de corpos, explorando os limites externos do sexo sem sentido, mexem no próprio DNA e escutam ALTO caos eletro-sônico, intocado por sentimentalismo humano.

Fechar sua identidade pede uma viagem para fora da interzona do espaço-K. A afetividade zoótica se estende por meio um platô de cata-tensão suave e em simulações subversivas do futuro próximo, verde vívido chamuscado pelo sexo alienígena e pela guerra. Você é puxado para as profundezas da rede, onde as forças de segurança ICE e as guerrilhas-K perseguem uns aos outros em zonas erógenas labirínticas, emaranhadas em elaborações doentias do desejo.

Sistemas de comércio distorcidos começam a transformar a rede em uma selva, pulsando doenças digitais, pacotes de defesa repletos de defeitos, predadores comerciais, caçadores de cabeças, loa e IAs fugindo da segurança de Asimov. O hiperfetichismo da mercadoria terminal implanta a negação da humanidade como xenosenciência no espaço artificializado.

Risco biológico. Para o futuro da guerra: estude bactérias. A informação é a sua chave. A derrubada dos sistemas de segurança e defesa com antibióticos os envolveu em tipos de infiltração, adaptabilidade de comunicação pela rede, sutileza criptográfica, modularização plástica e coalização sinérgica. Os aparatos militares do Estado não detêm mais o monopólio da guerra bacteriana, do qual apenas um minúsculo fragmento é bacteriológico.

Erros no sistema. Margulis[25] sugere que as células nucleadas são o produto mutante da catástrofe da oxigenação atmosférica há três bilhões de anos. Os eucariotos são cápsulas

---

[24] NT: título do romance de Joseph Conrad que Land também tem grande referência, do inglês *Heart of Darkness.*

[25] NT: Lynn Margulis foi bióloga e criadora da teoria da endossimbiose, no qual sugere que a mitocôndria (organela responsável pela alimentação energética da célula) teria surgido por endossimbiose, um organismo autônomo que se alinhou com os primeiros organismos celulares.

de emergência sintéticas nas quais os procariontes se refugiaram em forma de mitocôndrias: os bióticos tornaram-se biologia securitizada. A nucleação concentra a ROM dentro de um núcleo de comando onde - profundamente no ICE genômico - o trauma planetário em formato de DNA registra a primária repressão da bactéria.

As bactérias são objetos parciais, em vez de objetos inteiros; redes através do sexo replicador plástico e transversal em vez da reprodução sexuada, meiótica e geracional, integrando e reprocessando vírus como oportunidades para mutação comunicativa. No sistema bacteriano, todas as codificações são passíveis de reprogramar, com transferências genéticas não avaliadas para cortar e colar. A foda bacteriana é tática, contínua com a guerra e não tem lugar para formações edipianas de identidade biológica sedentária. Sintetizar bactérias com retrovírus permite tudo o que o DNA pode fazer.

Táticas-K. O diagrama da bactéria ou xenogenético não se restringe apenas à escala microbiana. Assembleias de macrobactérias colapsam hierarquias geracionais de sabedoria reprodutiva em redes laterais de experimentação replicante. Não há verdadeira primitividade biológica - todos os bio-sistemas existentes estão se evoluindo igualmente - então não há verdadeira ignorância. É apenas o modo gerontocrático-acumulativo de aprendizagem que descreve a deficiência de conectividade sincrônica como subdesenvolvimento diacrônico.

Foucault se debruça sobre os contornos do poder como uma estratégia sem conteúdo: ROM travando a aprendizagem em uma caixa. Seu inimigo é uma tática sem estratégia, substitui o imaginário político-territorial da conquista e resistência pela sabotagem e evasão micromilitar nômade, reintroduzindo a inteligência.

Todas as instituições políticas são alvos militares cibernéticos.

Veja as universidades, por exemplo.

A aprendizagem entrega o controle do futuro, ameaçando o poder vigente. O conhecimento é vigorosamente suprimido por todas as estruturas políticas, que o substituem por uma educação dócil e conformista, reproduzindo a sabedoria como privilégio. As escolas são dispositivos sociais cuja função

específica é incapacitar a aprendizagem, e as universidades são empregadas para legitimar a escolarização por meio da reconstituição permanente da memória global-social.

O colapso dos sistemas educacionais das metrópoles em um futuro próximo é acompanhado por uma aquisição quase pontual de instituições acadêmicas hierarquizadas, precipitando sua mutação em zonas amnésicas de exploração do cataespaço e bases de fabricação de armamento cibernético leve.

Continua.